

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 –
Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

Revista Formadores
VI Congresso Científico
Novas Trilhas Para Novos Rumos

LIBRAS E AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO

RESUMO

As práticas de educação para surdos têm sido, em muitos centros educacionais, insuficientes e inadequadas por diversos motivos. Os métodos orais, comumente utilizados, são conhecidamente ineficazes, dada a precariedade que há nesse tipo de comunicação com o surdo. Diante disso, as intervenções psicopedagógicas têm se mostrado como ferramentas de mobilização escolar, tornando-se eficiente recurso para sanar essas dificuldades. Este trabalho visa apresentar como as intervenções psicopedagógicas e a Libras contribuíram na aprendizagem de um aluno surdo, utilizando dados levantados a partir de observação sistemática participativa e não participativa, entrevistas orais e análise de documentos. Sendo ponderados por consulta bibliográficas e exercitados em intervenções coletivas. Como resultado, professores aderiram às novas metodologias de ensino propostas, houve aproximação entre escola e família, as quais, inicialmente, se envolveram com o aprendizado da Libras. Pouco avanço do aluno na leitura e escrita do português, contribuições da Língua de Sinais no processo de aprendizagem e interação social, evolução do aluno nas atividades escolares e melhores notas. O bilinguismo se mostrou como melhor alternativa para prática educativa. A aproximação entre a família e a escola acarretou em melhorias no comportamento do aluno, melhor rendimento e permanência do estudante na escola. Este relato permitiu aferir a importância da Libras no mundo acadêmico e que as intervenções psicopedagógicas, somadas a esse tipo de Linguagem,

PALAVRAS-CHAVE:

Língua de Sinais. Psicopedagogia. Intervenções psicopedagógicas. Educação especial.

LAGO, Naiana Magalhães. **Libras e as Intervenções Psicopedagógicas no Processo de Aprendizagem do Deficiente Auditivo.** *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 12, n. 3, p. 50 - 58, mai, 2019.*

se constituem como promissoras para sanar as dificuldades de aprendizagem por alunos com deficiência auditiva. Engajando e mobilizando toda a escola e a família no desenvolvimento integral do indivíduo.

1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido foi: Libras e as intervenções psicopedagógicas no processo de aprendizagem do deficiente auditivo. Baseado em um estágio de pós-graduação em Psicopedagogia, teve como objetivo intervir em sala de aula e, em turno oposto, acompanhar o aluno, utilizando-se de ferramentas e métodos que ajudassem na aprendizagem dos conteúdos regulares e, no turno oposto, na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

O projeto de estágio objetivou analisar: **Como a Libras e as intervenções psicopedagógicas podem atuar no processo de aprendizagem do deficiente auditivo?**

Segundo o IBGE-2010, no Brasil existem cerca de 9,7 milhões de brasileiros com alguma deficiência auditiva, ou seja, 5,1% da população brasileira. 1,7 milhões possuem grande dificuldade de audição e 344,2 mil são completamente surdos e se concentram na sua maioria em centros urbanos (CHIAHYA, 2012). Parte destas pessoas estão em idade escolar, mas nem todas as instituições possuem um profissional intérprete e/ou professor de Libras que dê a assistência necessária a esse aluno. Encontramos uma série de dificuldades de aprendizagem, onde muitos alunos estudam, porém, não atuam no ambiente escolar, não tem envolvimento nas atividades escolares e tem se caracterizado somente como espectador em sala, tentando entender algo do que é dito oralmente, escrito na lousa, ou nos enormes textos. Isso quando são alfabetizados. A falta de aquisição da Libras como sua primeira língua e o Português como segunda língua limita as chances de inserção desta pessoa na comunidade como cidadão ativo.

Estando ciente desta realidade, foi proposto que as intervenções, além de resolverem os problemas de aprendizagem do aluno, também conscientizassem a comunidade escolar da responsabilidade sobre aquele aluno. O aluno estava com baixas notas, mal comportamento, acumulava inúmeras faltas, além de não estar completamente alfabetizado em português nem tão pouco em Libras.

Diante deste cenário, foram delimitados os objetivos de ensinar ao aluno, e demais colegas interessados, sinais de Libras do cotidiano, reforçar a leitura e a escrita do português, orientar os professores nos métodos de ensino e avaliação e motivar o aluno na dedicação aos estudos e assiduidade nas aulas.

Para o levantamento de dados foi utilizado o método de observação como forma de diagnosticar o problema e arquitetar as medidas de intervenção. A observação realizada foi sistemática, participante e artificial. Durante 3 (três) dias observei o comportamento do aluno em sala, entrevistei, professores, gestores e familiares, avaliei o laudo médico com o intuito de colher informações para entender o contexto que o aluno estava inserido. As intervenções utilizadas durante o estágio foram aplicadas a partir de informações colhidas por pesquisas bibliográficas sobre o assunto.

Segundo o Manual de trabalhos acadêmicos da Faculdade Adventista da Bahia, (2014, p.190):

Intervir numa dada realidade que está posta nem sempre se configura enquanto uma tarefa simples, especialmente se esta intervenção estiver pautada nos princípios da construção técnico-científica, que requer, a priori, uma análise diagnóstica de um fenômeno observado, para a partir de então propor intervenções.

O presente trabalho está estruturado em uma breve apresentação da importância do trabalho do psicopedagogo com deficientes auditivos, seguido do problema levantado e os objetivos traçados. A partir da análise dos dados e da consulta bibliográfica, a metodologia foi traçada e o desenvolvimento das intervenções foram estabelecidas, apresentando os resultados e discussões levantadas sobre o assunto. Concluindo, portanto, as análises feitas e os objetivos que foram alcançados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Psicopedagogo é o agente mediador das intervenções psicopedagógicas que visam a melhoria da aprendizagem por parte do aluno. Segundo Souza e Vasconcelos (2012), o psicopedagogo pode ajudar os alunos surdos a melhorarem a aprendizagem, atuando junto à família e à comunidade escolar, promovendo mudanças que favoreçam o estudante.

A Libras, como língua oficial da comunidade surda, é a principal ferramenta do surdo para a comunicação. Sobre a lei que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais, Pereira (2011) explica:

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras – como língua oficial das comunidades surdas do Brasil, pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, [...] passou a receber cada vez mais atenção por parte de pesquisadores e de educadores, e cresceu significativamente o número de adeptos e defensores de seu uso. (Pereira 2011).

A Libras, como língua, se caracteriza como ferramenta de ensino e promotora do processo de aprendizagem, para ser usada não somente pelo surdo, mas por toda a comunidade escolar, promovendo a interação e participação do indivíduo no seu ambiente.

Quanto mais cedo a Língua de Sinais é adquirida pelo aluno, melhor se torna a sua participação na sociedade. É nas interações sociais da língua que a comunicação acontece, quando o seu uso se torna efetivo no círculo social do aluno. O psicopedagogo pode ser um agente precursor da abertura da discussão sobre a Libras para toda a comunidade escolar.

A aprendizagem de Libras pelo aluno surdo e demais pessoas que compõem sua estrutura social, são de extrema importância. Sobre o deficiente auditivo na escola, Gesser (2012 p.105) explica:

“Fragmentos da história da educação e da vida familiar dos surdos mostram a forte rejeição e desconfiança que os ouvintes tem em relação à língua de sinais”. O professor como mediador das relações sociais na escola deve realizar sua prática de modo a contemplar

situações nas quais os aprendizes tenham oportunidades garantidas de manter o contato com o outro que usa e se identifica com a língua. Ainda que tentemos, ao assumir este viés, fazer do contexto de ensino um momento de comunicação real, significativa e natural, essas são apenas tentativas e aproximações. “[...] O ofício do professor requer uma reflexão contínua dessas questões, seja no contexto de línguas orais, seja no contexto da Língua Brasileira de Sinais.”

A criança ouvinte chega à sala de aula para ser alfabetizada dominando a língua de seus pais, porém, a criança, adolescente ou adulto surdo, dominam apenas fragmentos do seu idioma. Para o surdo aprender a ler serão necessárias situações linguísticas específicas, com o uso incondicional da língua de sinais, em um espaço coletivo e compartilhado (BOTELHO, 2010). O Português é considerado para o surdo como segunda língua, sendo a Língua de Sinais a primeira que o surdo deve aprender e a qual possibilita o aprendizado da leitura e escrita da Língua Portuguesa.

Junto ao professor de língua portuguesa, o psicopedagogo pode ofertar oportunidades de reforço na leitura e escrita do português, trabalhando em parceria com professores, familiares e toda a comunidade escolar, para ajudar a intervir na realidade do aluno surdo. O psicopedagogo pode proporcionar melhorias nas relações, culminando na aprendizagem do aluno. “Escolas, pais e alunos deverão confiar no trabalho do psicopedagogo e estar abertos a mudanças caso sejam necessárias, em uma relação de reciprocidade e troca mútua de conhecimentos que poderá favorecer o processo de aprendizagem de muitos aprendentes” (VERCELLI, 2012).

Com melhores resultados, promovendo autoestima e a motivação através do próprio esforço, o aluno dedica-se mais aos estudos e aumenta a assiduidade nas aulas, tornando o ambiente escolar inclusivo e atrativo. Sendo este um espaço do educar, da busca e valorização do humano, do respeito às diferenças e da conscientização da geração futura para que se viva numa sociedade mais justa e humana.

3. METODOLOGIA

Considerando que este é um estudo de caso em intervenção psicopedagógicas, as bases teórico-metodológicas estão fincadas na pesquisa-ação. A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante, engajada e dependente. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática.

Através de estudo teórico bibliográfico, foi possível elaborar intervenções para sanar os objetivos propostos. A avaliação foi de caráter qualitativo e os objetivos foram elencados a partir de observação e investigação, que se configurou em análise de laudo médico do aluno, consulta ao diário de classe da turma à qual o aluno pertence, entrevista oral com professores e direção escolar, observação de aula e visita à residência do aluno. Os dados foram analisados a partir da pesquisa bibliográfica.

O processo de estágio teve a duração de 3 dias de observação e 7 dias de intervenções. Gil (2008) defende que a observação é crucial para a pesquisa e que ela se apresenta ao utilizar os sentidos para a coleta de dados. Sendo ideal para este trabalho, a observação é fundamental para a pesquisa, principalmente no momento de coleta de dados. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Antonio Joaquim Correia, que está localizado na cidade de Cachoeira, uma cidade histórica às margens do Rio Paraguaçu, em um bairro de baixa renda, sendo os seus alunos e professores habitantes do município.

No Colégio não havia intérprete, nem tampouco professores capacitados para atender às dificuldades de aprendizagem que o aluno demonstrava. Devido às dificuldades de comunicação, o aluno estava com baixo rendimento, somado à desmotivação nos estudos, indicando precedentes de uma possível evasão escolar. A Libras foi abordada como língua que atuasse na comunicação e acesso ao conhecimento.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para coleta de dados foi utilizada a observação como principal instrumento, seguida de anotações em diário de campo, entrevistas e consulta a documentos. Os dados foram analisados a partir de pesquisa bibliográfica. As intervenções foram realizadas no Colégio, durante o período regular de aulas do aluno e também no turno oposto. Havia um local apropriado tranquilo e com estrutura apropriada para as intervenções. Os momentos de aulas no contra turno foi aberto para toda a comunidade escolar, a qual foi convidada mediante aviso em sala e convite escrito. Em alguns destes encontros, além da presença do aluno, houve a participação de colegas e familiares do mesmo.

Foi constatado no laudo, entregue quando da realização da matrícula do aluno na secretaria, que ele possuía surdez em nível profundo, adquirida, segundo entrevistas orais, por uma doença ainda na infância. O aluno também tinha uma paralisia no braço esquerdo, mas a respeito disso não havia laudo na secretaria.

Foi realizada uma atividade diagnóstica, através da qual a professora de português avaliou o desempenho do aluno na leitura e escrita da língua portuguesa. A atividade era constituída da demonstração de imagens ao aluno, ao qual foi disponibilizado um espaço para escrever os nomes das figuras apresentadas. De início, o aluno se recusava a escrever, demonstrando timidez. Para ajudar, foi indicado o nome das imagens para que ele pudesse relacioná-las. Ainda assim, somente respondeu 20% da atividade. Analisando os dados, coletados foi possível perceber que o aluno possuía sérias dificuldade na matéria de Língua Portuguesa, pois, apenas copiava o que lhe era proposto, apresentando baixo desempenho na leitura e escrita. Foi encaminhado ao aluno aulas de português como reforço em turno oposto, em 2 (dois) dias na semana, através do Programa Mais Educação, porém, este aluno não foi assíduo a estas aulas. Apesar de estar na posição de segunda língua do surdo, o Português é de extrema importância para o surdo como

cidadão. Sobre isso, Fernandes (2008) explica que o bilinguismo tem se mostrado uma proposta promissora no desenvolvimento do surdo diante da comunidade.

Em entrevista, a família relatou que o aluno faltava bastante as aulas, muitas vezes por estar doente, em outras por se recusar a comparecer ao colégio. Em consulta ao diário de classe do aluno, foi observado que realmente havia muitas faltas e também que este estava com notas baixas e havia várias ocorrências de mau comportamento. Depois da visita à residência do aluno, foi possível estabelecer uma relação de parceria entre a escola e a família. Quando ocorriam faltas do aluno em momentos regulares de aula ou nas intervenções, a direção escolar entrava em contato com a família para saber os motivos, o que muitas vezes resultou na vinda do aluno no exato momento ao sentir o interesse que era demonstrado pela sua presença.

O mais importante agente de socialização é a família, pois a mesma executa a tarefa crucial de socializar a criança e modelar o desenvolvimento de sua personalidade, por isso, cabe a família da criança surda desdobrar-se em paciência e carinhos constantes para exercer; além de seus papéis tradicionais, o de completar, em casa a aprendizagem da linguagem. A afetividade é imprescindível para o seu ajustamento emocional e a sua segurança íntima. (CUPELLO, 1994 apud PEREIRA, 2008, p.37)

Esta parceria também foi bastante eficaz no envio de materiais de estudo para casa, Diante do quadro de notas baixas e do desinteresse nas atividades escolares, houve um levantamento dos conteúdos que seriam aplicados, para serem encaminhados materiais de estudos para este aluno, materiais de vídeo, imagens ou resumos sobre os assuntos. A família era avisada que os materiais haviam sido enviados, lembrando também das atividades e provas. O que se tornou bastante eficaz, sobretudo no período de provas, e resultou em melhor desempenho nas atividades.

No turno oposto às aulas, 3 (três) dias por semana, foram ofertadas aulas de Lbras. Estas aulas eram abertas também para os familiares, colegas e professores. A estas aulas somente compareceu a família e, poucas vezes, alguns colegas. Estas aulas foram iniciadas com sinais básicos, como o alfabeto, números, cores e sinais do cotidiano. Eram utilizados materiais impressos, vídeos e ao final de cada assunto era realizada uma atividade. Na aula sobre o alfabeto por exemplo, o aluno depois de conhecer cada sinal correspondente a letra, fez o jogo da memória, depois montou um cartaz o qual foi exposto em sua sala de aula. Durante as aulas de libras era possível notar um real interesse do aluno e uma interessante facilidade no aprendizado, porém, quando era necessário usar esses sinais em outros ambientes de forma pública, se mostrava retraído e envergonhado. O que dificultou o objetivo de melhorar a comunicação dele com outras pessoas e conseqüentemente a aprendizagem.

Com conhecimento na Língua de Sinais, pude ajudar o aluno durante as aulas como intérprete, mesmo não estando posicionada desta forma em sala, intermediava as informações entre o professor e o aluno. O aluno não possuía uma fluência para que houvesse a presença do intérprete apenas traduzindo em libras, sendo assim, foi escolhido estar mais como um auxiliar, usando de imagens, desenhos, sinais em libras e gestos para explicar o conteúdo. A presença de alguém ajudando o aluno em sala, ajudou na melhoria do seu comportamento, depois dos acompanhamentos o aluno não foi mais encaminhado a direção por indisciplina, o que motivou

o aluno a tentar aprender ao ver o seu melhor desempenho nas atividades, e reduzindo consideravelmente as faltas.

A atuação do intérprete ou auxiliar não isenta a responsabilidade do professor com a metodologia de ensino, por este motivo foi realizada uma reunião com os professores para orientá-los no uso de métodos que poderiam ser utilizados para facilitar a aprendizagem do aluno, como também a elaboração das aulas e provas e a relação que haveria entre o professor e a pessoa que atuaria intermediando essa comunicação. Segundo Denise (2018), Professor e psicopedagogo precisam um do outro, desde o primeiro momento, para que possam fazer uma representação adequada da situação.

Os professores relataram que, durante a aula, este aluno apresentava, muitas vezes, comportamento inadequado, por não estar entendendo a aula não captava sua atenção. Além disso, ele também se desentendia com colegas, os quais o provocavam, devido à sua deficiência. Relataram também que algumas vezes tinham a impressão que o aluno ouvia algumas frases e conseguia entender. Quando, por exemplo, lhe repreendiam, ou mesmo, quando lhe cumprimentavam, ele respondia.

A maioria dos professores apresentaram uma postura de iniciativa, procurando trazer materiais visuais em suas aulas, dirigindo-se ao aluno com gestos e apresentando imagens ou desenhos na lousa, que contribuíssem para que o aluno entendesse o conteúdo. Ao perceber que o professor se dirigia também a ele, o aluno correspondia prestando mais atenção a aula. Este não é o ideal para as aulas, a presença de um intérprete intermediando a comunicação. Usar primariamente a Libras é o mais indicado, porém, nesta situação em que o aluno não dominava esta linguagem, seria mais uma aula onde alguém estaria apresentando algo “fingindo” ensinar, e ele “fingindo” aprender.

Com o objetivo de apresentar ao aluno um pouco da cultura surda ele foi convidado a participar do “I Congresso para Surdos e Intérpretes da FADBA”. Este congresso agiu de maneira positiva ao mostrar ao aluno um pouco da cultura surda, a promover relações com outros surdos e fazê-lo perceber que a Libras era usada por eles e que funcionava como recurso comunicativo. Percebendo a necessidade da família, a direção do Congresso se organizou doando cestas básicas, calçados e roupas para a família.

Conhecer as necessidades do aluno para além do ambiente escolar, deve fazer parte do levantamento de dados sobre a realidade do aluno. É essencial para a construção do plano de intervenção saber das necessidades mais urgentes do educando, possibilitando intervir de forma direcionada. Conhecer o ambiente que o aluno convive permite adaptar as intervenções às condições físicas, de tempo e de espaço.

5. CONCLUSÃO

Durante todo esse processo, o papel da escola e da família se tornou indispensável, a parceria entre esses dois pilares, com o objetivo de promover o desenvolvimento do estudante, foi de extrema importância. A eficácia de muitas destas intervenções se deu a partir do apoio da família, com as atividades, ao lembrá-lo das provas e ao incentivá-lo acompanhando nas intervenções.

Infelizmente, muitos preconceitos ainda ficaram a serem quebrados. O aluno ainda sentia vergonha de se comunicar em Libras, o que dificultou a sua aprendizagem. Muitos colegas continuaram com uma postura preconceituosa e o Colégio não pôde continuar com o acompanhamento de um professor de Libras ou Psicopedagogo.

O período de estágio é curto para promover mudanças de conceitos e hábitos tão profundamente enraizados, porém, este tempo proporcionou o despertar daquele espaço escolar para a inclusão, que além de filosofia e ideais, deve ser prática. É neste ambiente que devem haver debates e ações a favor da inclusão e do direito à educação de qualidade por todos.

Houve um despertar da escola para as demandas da educação especial e muitos professores se tornaram mais interessados e buscaram aprofundamento. O estudante se tornou mais engajado nas atividades escolares, mais frequente e interessado nas aulas. Houve uma expressiva melhora no comportamento, contribuindo para a melhoria das suas notas.

Portanto, foi possível perceber que a Libras atuou de maneira significativa nesse processo de aprendizagem, ao despertar a comunidade escolar do seu aprendizado, e por ser o instrumento de comunicação muitas vezes usado nas relações do aluno com os demais componentes da escola, mediado por um intérprete que atuou como auxiliar nas atividades escolares do aluno.

A educação de surdos, voltada para prática oralista, constitui-se como fracasso escolar, como foi observado durante o estágio. O bilinguismo foi demonstrado como mais apropriado à necessidade do indivíduo, também foi observado que a educação bilíngue desenvolve melhores resultados de aprendizagem. A inserção da Libras provocou melhorias expressivas no desenvolvimento integral do aluno. As intervenções psicopedagógicas voltadas à Linguagem de Sinais se caracterizou como a melhor alternativa para facilitar a relação do surdo e o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, P. **Educação inclusiva para surdos: desmistificando pressupostos**: UFMG, 2010.

CORRÊA, Denise. Psicopedagogo e professor: parceria na construção do conhecimento. Disponível em: <<https://www.guiasaoroque.com.br/colunistas/psicopedagogo-e-professor-parceria-na-construcao-do-conhecimento-533>>. Acesso em: 06 de Abril de 2019.

FERNANDES, Sueli. **Apostila do curso de pós-graduação Educação Bilíngue para surdos**. Paraná: Ipê, 2008.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo; Editora Atlas. 2008.

Manual de trabalhos acadêmicos: Faculdade Adventista da Bahia / organizado por Daniela Santana Reis. – FADBA: Cachoeira, 2014.

PEREIRA, C.V. **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: aquisição de Linguagem e Inclusão Social**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SOUZA, E.F. VASCONCELOS T.C. **O papel do Psicopedagogo no contexto atual**. *Revista Rebes*, Pombal- PB, Brasil, vol.2, n 1, pág. 53-58, 2012.

VERCELLI, L. C. A. **O trabalho do psicopedagogo institucional**. *Revista Espaço Acadêmico*, número 139, dezembro, 2012.